

Como citar este texto: FILLION, O. Ensaio: Prestes Maia. **VIRUS**, São Carlos, n. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=5&item=5&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

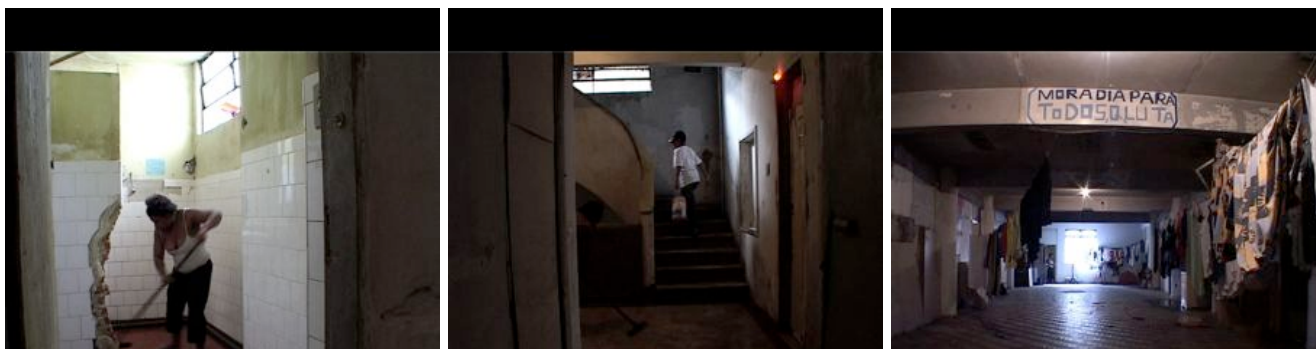
## Ensaio: Prestes Maia

Odile Fillion

Odile Fillion é Jornalista e cineasta, curadora de diversas exposições entre elas Transarchitectures 01+02+03 e Numéricités, explora leituras da arquitetura e do pensamento de arquitetos através da linguagem do cinema, e estuda relações entre a escrita, as tecnologias de informação e comunicação e a cidade contemporânea.

Faz agora 6 anos que o artista francês Maurice Benayoun propôs que eu filmasse as cidades do mundo para a exposição *Cosmopolis*, que ele organizou na China. Foi no âmbito desse projeto que eu passei quatro dias em São Paulo.

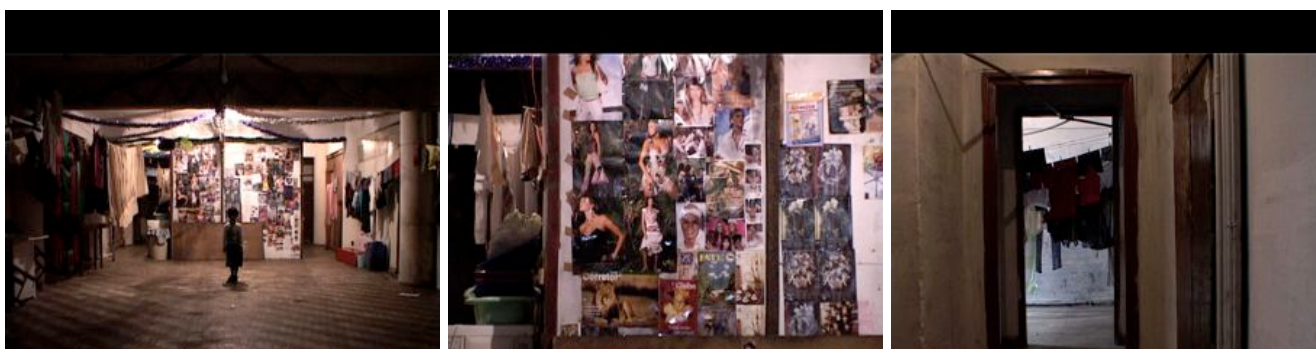




Nosso tempo em cada cidade era contado. Nossa posição como observadores nos permitia, sem dúvida, ver rapidamente o que os habitantes da cidade não viam mais em seu universo cotidiano. Entramos em contato com São Paulo, desde o primeiro dia no centro, em meio à multidão multicolorida, entre passarelas, autoestradas urbanas, pequenos comércios ambulantes, pontos de ônibus, edifícios modernos e já velhos. Nas lentes da minha câmera, com o *zoom* no máximo, eu tentava penetrar os segredos escondidos por trás daquelas fachadas contíguas e superexpostas. Intrigavam-me aqueles edifícios, no centro da cidade, desertos, blindados, cercados por tapumes, tornando impossível o seu acesso. Mesmo jovens, nascidos, na maioria, nos anos 1950, mas interditados, mumificados. Símbolos abandonados de uma era outrora próspera, otimista e pacífica. Negligenciados por seus proprietários, grandes empresas brasileiras, que se mudaram para torres luxuosas na periferia.

Alguns prédios pareciam habitados, contudo. Sujos, com vidros quebrados, cobertos com remendos de madeira, eles haviam sido ocupados. De seu recente e orgulhoso passado de edifícios de escritórios e empresas, não havia sobrado nada; eles se metamorfosearam, degradaram-se, mas abrigavam os menos favorecidos.

Uma tarde, quando a chuva caía torrencialmente, tínhamos que visitar um desses edifícios. Ainda se lia em sua fachada principal, desbotada e pichada, as letras em relevo da antiga "Companhia Nacional de Tecidos".



O prédio tinha 21 andares e se articulava em torno de uma esquina, muito próximo a um museu e um parque. Desde quando ele havia se desviado para essa outra vida? Do luxo presumido de sua vida anterior como sede de uma grande empresa não restava nada além das letras esquecidas fixadas na fachada. Elas permitiam datar a construção do prédio de concreto aproximadamente na metade do século XX. Ao abandonar o lugar, os donos e antigos ocupantes haviam reduzido o edifício à sua carcaça, esvaziando-o de seus elevadores, destruindo todos os seus elementos de

conforto, seus revestimentos, seus pisos, suas paredes, seus vidros, seu cabeamento.

O edifício retornara à sua fase de construção, escadas de concreto e platôs esvaziados de todas as paredes de separação, cheio de lixo. Julgado pelos caprichos da especulação urbana como momentaneamente inapropriado para uso, ele foi mumificado, envolto em tapumes e murado para evitar qualquer apropriação.



Um grupo cooperativo de militantes o invadiu uma noite para ali abrigar famílias sem teto. Em São Paulo, esses atos de desobediência eram aceitáveis sob certas condições. Uma vez que as portas foram forçadas, os primeiros moradores, instalados e a declaração de ocupação feita às autoridades, os proprietários teriam, de acordo com a lei, que reativar os sistemas de água e eletricidade.

O edifício ocupado tornou-se, por sua vez, uma fortaleza, protegido contra possível expulsão. Seu acesso era tão difícil quanto o de um banco ou de um condomínio fechado de luxo. Guardas e guardiões vigiavam e controlavam a entrada no único ponto de passagem. Essa provavelmente fora uma antiga entrada de serviço, fracamente iluminada por uma lâmpada de 40 *watts*, onde se cruzavam homens e mulheres carregados com suas provisões e suas crianças nos braços ou nas costas. Os primeiros ocupantes, os mais audaciosos, aqueles que haviam participado da invasão do edifício, foram os mais sortudos; eles tinham que subir poucos degraus nas escadas escuras para chegar às suas pequenas residências. Eram eles também que aceitavam os recém-chegados, estabeleciam as regras comunitárias, os aluguéis e os rateios de cada família. Eles definiam também os lotes e o espaço de cada um, o calendário, as obrigações, os ritos da vida cotidiana.



Em sua origem, em cada pavimento os escritórios estavam certamente organizados dos dois lados de um corredor central, à saída do elevador. As unidades de moradia haviam sido implementadas usando a mesma tipologia: um espaço central dava acesso a duas áreas de habitação paralelas, cujas paredes foram remendadas com madeira e papelão, talvez recuperados no local ou nas ruas



próximas. Chuveiros e banheiros comunitários foram reagrupados nas plataformas das escadas, no lugar dos antigos banheiros do edifício. Cada andar constituía uma pequena comunidade com seus responsáveis, suas tarefas de limpeza planejadas e compartilhadas. No espaço comum e em frente a porta de cada unidade de moradia, a máquina de lavar de cada família sobre rodinhas indicava o calendário semanal, bem como os dias de lavanderia de cada um. Como um cenário recorrente de um andar para o outro, a exibição abundante e multicolorida das roupas lavadas diárias.

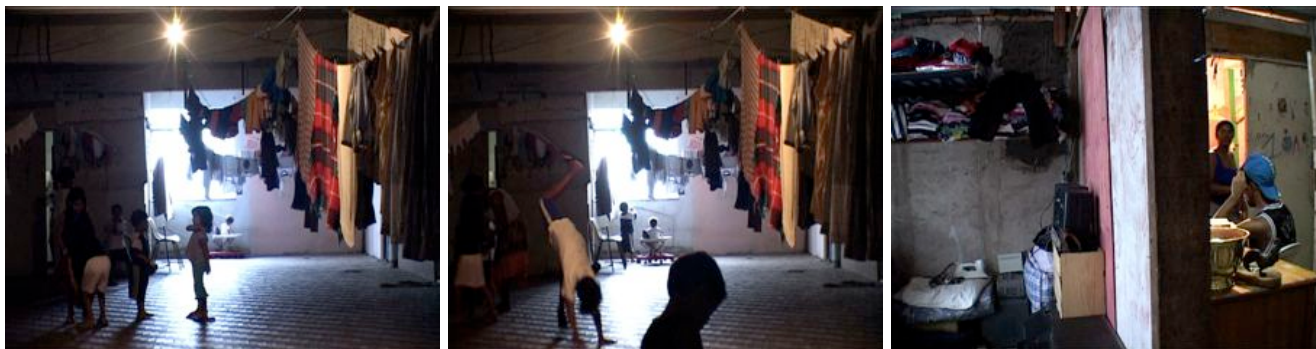
As imagens que filmei então me fazem lembrar aqueles momentos já distantes.



No início, subimos até o 21º andar, na penumbra, cruzando as idas e vindas de homens, mulheres, crianças, indo e vindo, carregando seus fardos. Naquela época, os últimos andares ainda estavam desocupados, ainda não haviam encontrado nenhum voluntário para essas escaladas diárias. No topo, do espaço vazio em ruínas, cheio de vidros e pedaços de parede, descobriam-se através de grandes vidraças lascadas os horizontes brumosos de São Paulo.

Na descida, paramos em cada andar, comparamos suas colagens de madeira, suas guirlandas de roupas lavadas, e a única lâmpada suspensa, cuja luz fraca e oscilante iluminava o espaço central. Ele era mais ou menos luminoso em função do estado dos vidros: em alguns andares, onde todas as janelas estavam quebradas, a escuridão era total. As crianças brincavam sob a decoração da roupa pendurada e multicolorida. Se os adolescentes sambavam, as crianças pequenas abandonavam seus brinquedos para juntarem-se a eles. Os pais estendiam e recolhiam as roupas, os adultos queixavam-se do barulho e da música. As famílias nos abriam as portas de suas pequenas moradias com um sorriso.

A gestão da lavagem de roupas parecia uma preocupação essencial. Um pai de família explicou-nos como a vida se organizava em alguns metros quadrados, com suas três crianças pequenas. Tudo estava limpo e em ordem, na pequena cozinha-sala de jantar, assim como no cômodo comum onde se agrupavam beliches, poltronas, armários, televisão e *videogames*. Uma garotinha me mostrou “sua” gaveta e suas pequenas roupas passadas e organizadas impecavelmente. Seu pai se dizia feliz nesses poucos metros quadrados, feliz por ter podido trocar as ruas ou a favela distante por essa micro-moradia no centro da cidade. Nas escadas inundadas pela chuva, uma mulher secava o chão cantava a plenos pulmões. Tão estreita quanto fosse a vida instalada naqueles andares, tão sumário quanto fosse o conforto, tão difíceis quanto fossem essas idas e vindas, tão grande quanto fosse a promiscuidade, os moradores não se queixavam.



Nossa estadia em São Paulo nos levaria ainda a algumas favelas, mas nelas não encontraríamos a mesma energia, nem o simbolismo dessa torre conquistada à força, tão engenhosamente desviada, transformada e controlada. Guardarei por muito tempo a lembrança daquelas crianças que sambavam naquela tarde chuvosa.

Na Europa, e na França, em particular, a modernidade de hoje quer ser sinônimo de eterna juventude. Nossas cidades odeiam a ruína, as leis proíbem a *bricolage*, e as raras ocupações são eventualmente fenômenos artísticos tolerados. Nossos centros de cidade, é verdade, nunca foram abandonados, como são nas Américas, mas a pobreza está cada vez mais presente. Mais e mais desabrigados dormem nas calçadas de Paris, por falta de alternativas e de habitação social “na norma” disponível.

Por necessidade, a América do Sul encontra espontaneamente, através da transformação e da reciclagem de todos os seus objetos, uma criatividade e uma energia, e processos alternativos que lhe são próprios. Nas ruas, os caminhões, ônibus e carros remendados dos mais pobres misturam-se com os carros blindados e envidraçados dos ricos. Diferentes modos de morar acontecem, como a presença de catadores que, ao criar outras economias, inventam outras paisagens urbanas.

Não voltei a São Paulo desde aquela viagem... Em que se transformou, cinco anos mais tarde, o prédio da “Companhia Nacional de Tecidos”, com seus pisos e sua fachada em patchwork que o transformava em um ícone? O que as autoridades finalmente fizeram por essas famílias tão precariamente instaladas e, ainda assim, tão felizes com sua comunidade? Não haveria aí um verdadeiro modelo?

Quanto mais limpamos, padronizamos, museificamos ou disneylandizamos as cidades do mundo, mais as tornamos tão insípidas ao olhar quanto ao viver. E se essa forma de desobediência urbana reabrisse outras perspectivas?





